

DESDE A ANTIGUIDADE, OS OVOS SÃO SÍMBOLO DE NASCIMENTO. As liturgias cristãs, férteis em se apropriarem das celebrações pagãs, usam-nos para assinalar a Páscoa, o mistério da morte e ressurreição, tempo de excelência para cristãos de várias confissões.



ovos de Páscoa recheados de amêndoas musicais

Desde a antiguidade, os ovos são símbolo de nascimento. As liturgias cristãs, férteis em se apropriarem das celebrações pagãs, usam-nos para assinalar a Páscoa, o mistério da morte e ressurreição, tempo de excelência para cristãos de várias confissões.

Tradição com que se tropeça em qualquer espaço comercial com ofertas variadas, dos ovos de chocolate às amêndoas. Ovos que também foram objeto de obras de joalheria fabricadas por Fabergé e seus sucessores para os czares, combinando esmaltes, pedras e metais preciosos. São peças muito disputadas por colecionadores como sempre atentos ao valor de mercado, insensíveis ao desguedelhado *kitsch* desses objetos. A normalidade da anormalidade dos tempos.

Em todo o mundo, a Páscoa tem grande expressão musical. Concertos de música com Paixões, Lições das Trevas, Stabat Matter, Oratórios em que se registam acontecimentos laterais relacionados com o tema central, como *Madalena aos Pés de Cristo* de António Caldara ou em que os traços panteístas se sobrepõem aos religiosos como as Páscoas Russas, em que a celebração da Páscoa é associada ao explodir da primavera, fazem parte de programas em muitas salas de concertos.

<https://www.youtube.com/watch?v=9yGci4xc0hY>

A Páscoa continua a ser tema e muitos são os compositores contemporâneos que a ela dedicam obras de grande valia. O seu tema nuclear, o da morte e da ressurreição, tem variantes, ouça-se a *Morte e Transfiguração* de Richard Strauss.

Em tempo de Páscoa, para convictos crentes e irredutíveis ateus e agnósticos, o esplendor da música ultrapassa o dos convencimentos. Quem ama a música não fica indiferente ao sublime artístico muitas vezes alcançado. Com naturalidade são muitos os programas musicais que todos os anos são oferecidos. São muitos os registos discográficos notáveis de música celebrativa desse sucesso que continuam a ser gravados a par com registos existentes considerados de referência.

A Páscoa é dos momentos das liturgias mais inspiradores da música. A morte, o período que a prepara, o sofrimento imposto pela crucificação e a ressurreição, são particularmente marcantes nesse imaginário. Nos diversos ritos cristãos, a Páscoa é celebrada com intensidade e espessura musical inigualável.

Tem longa história. No pré-renascentismo Machaut, Byrd, Tallis, Ockeghem, Gesualdo são alguns dos que escreveram obras musicais admiráveis com a Páscoa a motivá-los. Mas a Páscoa afirma-se e multiplica a sua presença na Reforma e na Contra-Reforma, num tempo onde se irão distinguir caminhos nas artes numa história paralela e cruzada com o desenvolvimento da burguesia que marca o fim do monopólio cultural da igreja.

<https://youtu.be/TVW8GCnr9-l>

Nas causas próximas está a música que se praticava nas igrejas, o canto gregoriano e os sumptuosos coros polifónicos, em que os textos se sobrepunham com efeitos ornamentais excessivos tornando o conteúdo, já difícil de entender por ser em latim, quase completamente incompreensível.

A polifonia evoluiu das missas de Byrd a quatro vozes para formas complexas a 16 vozes, Pieter Massins e João Lourenço Rebelo, a 24 Josquin Desprez e

Padovanno, a 35 de Willem Ceuleers, até às com 40 vozes, Striggio e Tallis. Gerava-se uma envolvimento encantatória que assombrava os crentes, desviando a atenção da liturgia.

A Reforma procurou que a nova igreja encontrasse um novo repertório musical que apagasse definitivamente os textos latinos. Os reformadores procuram a colaboração de poetas e músicos para dar corpo ao diálogo directo com a Bíblia. Querem que as orações se façam na língua comum, com textos fáceis de memorizar, um vocabulário simples ao alcance de todos.

A prioridade começa a ser a palavra, não a música. As primeiras composições são lineares, vão ao encontro das melodias populares, que um chantre pudesse cantar e a assembleia acompanhar. Vai, no entanto, a música ganhando lugar importante. Fazem-se cruzamentos de música sacra e profana até a intervenção musical se tornar indissociável da celebração litúrgica, que encontrará em Johann Sebastian Bach o seu máximo expoente com as Paixões Mateus e João e uma outra de Lucas que se foi escrita continua perdida.

<https://youtu.be/vwAdReaKSr0>

As Paixões continuam a ser tema que motiva compositores contemporâneos como Sophia Guibadulina, que funde o rito protestante com o ortodoxo, e Wolfgang Rihm.

A Contra-Reforma seguirá um percurso completamente diverso. Consciente dos avanços da nova igreja, reúne-se para resistir e iniciar a contra-ofensiva. Nesse contexto, o Concílio de Trento e a fundação da Companhia de Jesus foram o princípio da resistência da Igreja de Roma, que os protestantes julgavam agonizante, contra a vitoriosa Reforma.

Opondo-se à interpretação da leitura da Bíblia preconizada pelos protestantes, a Contra-Reforma reformula e intensifica a utilização da liturgia romana. A música readquire um papel importante depois de, num primeiro momento, os bispos e cardeais reunidos no Concílio de Trento quererem mesmo proibir toda a música polifónica, com o argumento que só a voz humana é digna de louvar Cristo e que era necessário acentuar as palavras que não se poderiam deixar enredar na ornamentação vocal. Agradar pelas palavras não pela voz.

Diz-se, a história também se constrói com essas estórias, que se deve a Palestrina ter evitado que a música fosse apagada dos rituais católicos pelos contra-reformadores reunidos em Trento, tomados pelo fogo sagrado com que queriam purificar a igreja dos excessos na origem da revolta de Martinho Lutero, Calvino e seguidores que se espalhava como fogo em pradaria.

Para salvar a igreja e o papado, sobretudo para se salvarem, as propostas que se fizeram para reformular a liturgia romana, assente nas imagens nas pinturas e na música, utilizadas para gerar espanto e estupefacção, chegaram ao extremo de propor que os frescos do tecto da Capela Sistina, fossem pintados de azul salpicados de estrelas para ocultar as magnificas pinturas de Michelangeli, consideradas licenciosas. Capela Sistina onde o coro papal, durante séculos, cantou, na semana santa, o celeberrimo Miserere de Allegri, música que o Vaticano queria tão exclusiva que até proibiu por lei a sua transcrição.

<https://youtu.be/4IC7V8hG198>

Contra essa fúria renovadora, Palestrina é, na esteira de Cristóbal de Morales, o primeiro compositor do novo estilo de acordo com os cânones da Contra-Reforma. Alcança um relevo excepcional pelo seu sentido de equilíbrio perfeito. As primeiras bases dos textos utilizados foram as palavras de São Jerónimo, as Lamentações de Jerónimo que estão na origem dos *Ofícios das Trevas* que, com o texto do *Stabat Mater*, são utilizados extensivamente pelos compositores da Contra-Reforma.

Os Ofícios das Trevas caíram em desuso ao contrário dos Stabat Mater que continuaram a ser escritos. São bem conhecidos e muito tocados além do muito celebrado de Pergolesi, os de Vivaldi, os dos dois Scarlatti, Alessandro e Domenico, Charpentier, Shubert, Liszt, Verdi, Rossini, Dvorak, os contemporâneos Penderecki e Arvo Part. Até música pop com destaque para Karl Jenkins, um dos Soft Machine. Todos muito diferentes, muitos deles a ocupar lugar de destaque no conjunto da obra dos compositores.

<https://youtu.be/zT5knJdXiAA>

Na liturgia católica romana, durante as três noites da Semana Santa, quinta, sexta e sábado, as luzes extinguem-se para dar lugar às trevas que se dissiparão com a ressurreição. A tradução musical desse sucesso começou por ser corporizado nas já referidas *Lamentações de Jeremias*, belo e patético trecho, inscrito no Antigo Testamento.

Uma meditação sobre a destruição do Templo de Jerusalém, um poema em que cada verso se inicia por uma letra do alfabeto hebreu. Há numerosas versões polifónicas das *Lamentações de Jeremias* que foram progressivamente substituídas pelo Lamenti barroco, embora Heinichen, mestre capela de Augusto da Saxónica, as tenha recuperado numa belíssima oratória barroca.

Nos Lamenti barrocos, alguns sem laços religiosos, muito se distinguiram Carissimi, Cesti, Frescobaldi, Vivaldi, entre outros. Têm antecedentes na Renascença, nomeadamente Lassus, Maissano, Palestrina.

Em França os Lamenti foram adaptados ao «gosto» dominante na corte, juntando ao rigor declamatório uma particular ornamentação. Surgem as Lições das Trevas que tiveram em Charpentier, Couperin, Delalande, Brossard os seus mais lídimos intérpretes.

Couperin consegue uma particular beleza com o ritmo musical sublinhando o ritmo das frases latinas, uma estrutura das frases musicais particularmente sedutora, com uma ou duas vozes de sopranos ou contratenores, acompanhadas por música de órgão e viola de gamba, num quase milagre escrito pela mão deste compositor poético e contemplativo.

<https://youtu.be/UBREakKFTow>

Outro dos temas recorrentes na música de Páscoa, é o Sete Últimas de Palavras de Cristo na Cruz para que Haydn escreve uma obra prima, das mais representativas do Iluminismo.

Uma encomenda do Bispo de Cadiz para criar ambiente ao ritual que nas sextas-

feiras santas se cumpria na sua catedral. As paredes, janelas e colunas do templo eram cobertas com panos pretos e somente uma lâmpada no meio da igreja iluminava essa santa escuridão.

Na sexta-feira, ao meio dia, as portas da igreja eram fechadas, em seguida, começava-se a ouvir a música. Depois da solene e significativa entrada musical, o bispo subia ao púlpito, pronunciava a primeira das sete palavras, dava a sua interpretação. Depois, descia do púlpito caía de joelhos diante do altar, rezando.

Enquanto rezava, o espaço de tempo era preenchido com a música. Haydn escreveu uma introdução e sete adágios com tempos quase iguais e um final, II terramoto, que mostra como Haydn, mestre de Mozart e Beethoven, ensinou e aprendeu com os seus discípulos.

Esta versão não está em conformidade com o que se designa por nova música antiga, um notabilíssimo trabalho iniciado por Nikolaus Harnoncourt e Gustav Leonhardt que mergulham nos cânones da música antiga para a trazerem até à nossa época tornando-as modernas sem trair o seu passado histórico.

https://youtu.be/Dx_ZdQqhXIM

Entre outros magníficos registos discográficos gravaram uma integral das cantatas de J. S. Bach.

Abriram novos horizontes explorados em todo o mundo por músicos como Frans Brüggen e a Orchestra of the 18th Century Philippe Herrewhe e o Collegium Vocale de Gent, Reinhard Goebel e a Musica Antigua Köln, Konrad Junghänel e o Cantus Cöllin, Masaaki Suzuki e o Bach Collegium do Japão, Gotthold Schwarz e o Concerto Vocale de Leipzig, Christophe Coin e o Ensemble Baroque de Limoges, John Elliot Gardiner e os English Baroque Soloists, Peter Philips e os The Tallis Scholars, Marc Minkowski e os Les Musiciens du Louvre, Jordi Savall e Le Concert des Nations, Alfred Deller e o Deller Consort, Dominique Vellard e o Ensemble Binchois, Björn Schemelzer e os Graindelavoix, Marcel Pérès e o Ensemble Organum, Harry Christophers e os The Sixteen, os Orlando Consort, a Orchestra of the Age of Enlightenment, a Akademie Für Alte Musik Berlin, a Nederlands Kammerkoor, a Rias-Kammerchor, a Schola Cantorum Basiliens, os Mala Punica, por cá Manuel Morais e os Segréis de Lisboa, Marcos Magalhães e Marta Araújo e Os Músicos do Tejo, que, entre muitos outros dão continuidade, aprofundaram e aprofundam, continuam os caminhos abertos por Leonhardt e Harnoncourt, numa verdadeira explosão da música da mais antiga à barroca, que renasceu com grande vitalidade e hoje é normal ouvir tanto em concertos como em registos discográficos, interpretada por uma plêiade de músicos e cantores, muitos deles jovens.

Feita esta digressão músico-pascal, há muito para ouvir.

MANUEL AUGUSTO ARAÚJO. Arquitecto

Escreve regularmente sobre artes e arquitetura.

Aprendeu a ler muito cedo, a partir daí não parou de ler, ouvir e ver.

<https://www.abrilabril.pt/ovos-de-pascoa-recheados-de-amendoas-musicais> (07/04/2017)

Vêm à tona palavras atentas, comprometidas, por vezes mordazes e irónicas. No fundo, frases de um desassombrado homem da Igreja, pouco dado à ideologia do silêncio, às cumplicidades de sacristia e às tendências tradicionalistas de certos setores religiosos.

entrevista a JANUÁRIO TORGAL FERREIRA, Bispo Emérito das Forças Armadas

por MIGUEL CARVALHO. Jornalista



No dia 26 deste mês fará 80 anos. Está em paz com a sua consciência cívica e religiosa, mas sempre sobressaltado com as injustiças e os fariseus do regime. No último verão, JANUÁRIO TORGAL FERREIRA regressou de vez a “casa”, ao Porto que o viu nascer, mas do

qual nunca se afastou, até por razões familiares. De qualquer modo, pode agora contemplá-lo de novo, todos os dias, com o rio em fundo, da janela da sua humilde residência na Casa Diocesana do Seminário de Vilar, tão pasmado e delusado como na juventude.

Na verdade, o antigo chefe de gabinete de António Ferreira Gomes, histórico bispo do Porto, combatente do salazarismo que Januário por várias vezes visitou no exílio, nunca cortou o cordão umbilical. Assume-se, inclusive, encantado com o cosmopolitismo da sua cidade e nem quer ouvir falar mal do turismo – “pobres de nós se não o tivéssemos”. Confia, até ver, na “inteligência do [presidente da Câmara] Rui Moreira” para gerir o sucesso e a identidade da urbe, mas adverte: “Só espero não ver pessoas humildes a serem despejadas de suas casas e certas zonas a serem ocupadas por aqueles que escorraçam a pobreza e a modéstia para instalar novo-riquismos.”

Durante 24 anos – a que juntou mais quatro de prolongadas e de já mais descontraídas reuniões, contactos e encontros –, foi bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança. “Guardo impressões magnificas de camaradagem, amizade, diálogo e espírito de entrega. Continuo a acreditar que os militares são, antes de tudo, promotores da paz, da diplomacia e da capacidade de diálogo.” Em livro recente – O Concreto da Paz só com Justiça (Caminho) –, reuniu reflexões sobre o País, o mundo e alguns protagonistas desde o início do século, desde os grandes conflitos internacionais ao comércio de armas, passando por causas mais caseiras. Nesta entrevista, mais do que visitar os escritos, atualizamo-los.

Vêm à tona palavras atentas, comprometidas, por vezes mordazes e irónicas. No fundo, frases de um desassombrado homem da Igreja, pouco dado à ideologia do silêncio, às cumplicidades de sacristia e às tendências tradicionalistas de certos setores religiosos.

Esteve quase um quarto de século ao serviço das Forças Armadas e de Segurança. Quem foi o melhor ministro da Defesa?

O melhor não consigo dizer, até porque o cargo é relativamente transitório. Do ponto de vista intelectual e de abertura, Augusto Santos Silva foi uma grande personalidade. Culturalmente, apreciei trabalhar com Nuno Severiano Teixeira, António Vitorino, Veiga Simão e Rui Pena. Outros não me tocaram tanto, e eles dirão o mesmo de mim. É justo. Sobre Paulo Portas, por exemplo, não tenho nada a dizer.

No seu livro, faz um diagnóstico do estado do mundo, desde o início do século, sem deixar de fora guerras, conflitos, o comércio de armas, etc. Olhando para o fenómeno Trump nos EUA, para os tiques totalitários a Leste, para a crise dos refugiados e o terrorismo, o planeta está pior?

Em alguns aspetos, de facto, não melhorou desde a guerra do Iraque. E o que mais temo é a ausência de convicções. Foi isso que nos levou para essa guerra e, ainda hoje, os chefes de Estado envolvidos não tiveram a humildade intelectual de reconhecer que erraram ou que apostaram no cavalo errado. Durão Barroso não o fez. Hoje assistimos ao dilatar do fanatismo religioso e a uma guerra fratricida entre gente que supostamente acredita em Deus. Quase diria que é uma boa ocasião para um tipo defender o ateísmo...

O que espera de António Guterres enquanto secretário-geral na ONU, ainda que o poder dele seja limitado?

Identifiquei-me sempre com o espírito humanista e corajoso de António Guterres, embora estivesse em discordância com algumas coisas da sua prática governativa. Ele, num diálogo escrito, chegou mesmo a puxar-me as orelhas. E muito bem! Aceitei esse puxão de orelhas como outros que tenho recebido, mas mantive as minhas posições. Nunca estive em causa o seu humanismo, a sua ética, a sua

defesa do mundo mais pobre, miserável e postergado. Isto é a imagem de Guterres. A ONU precisa de se modernizar, tem ainda o esplendor dos reposteiros de outra época. Enquanto secretário-geral da ONU, a sua capacidade de diálogo pode levar o papel das Nações Unidas mais além...

O que Donald Trump acrescenta a este clima de tensão mundial?

Acrescenta desordem, fragilidade e inconsistência, mas o pânico é não saber o que esperar dele. Apesar de estar rodeado de fanáticos, tenho esperança de que, no seio do Partido Republicano, ainda haja quem possa travá-lo e dizer-lhe “não”. Quanto à Europa e ao ressurgir da extrema-direita, o problema é a democracia não responder a problemas reais.

E em Portugal, responde?

Este Governo recebeu um País desventrado, aniquilado. Provou-se que havia alternativa e saiu tudo ao contrário das profecias. Se não fossem António Costa e Mário Centeno, Portugal estava destruído. Chamem-me ignorante, clubista, populista, o que quiserem, mas acreditei e acredito na chamada “geringonça”. E não me venham dizer que o êxito foi de todos. Vão aos jornais da época e leiam as previsões dos “Velhos do Restelo” sobre o que ia acontecer a esta solução governativa e parlamentar. Eu sei bem os nomes que chamaram ao ministro Mário Centeno.

Foi uma solução pedagógica, até para os eleitores?

Sim, e eu creio que vai ter influência nas próximas eleições legislativas. As pessoas já perceberam que o xadrez pode ser outro. A esquerda nunca foi respeitada, para alguns foi sempre o “Diabo”. O mérito desta estrutura parlamentar foi promover o diálogo, o Estado Social, o aumento do salário mínimo e das pensões, dando às pessoas o que lhes foi retirado na altura da troika. Deu-se esperança. Esta solução à esquerda serve também para os portugueses refletirem sobre as suas opções políticas e governativas. Ao contrário do que se pensava, o clima de tensão e o diálogo entre forças diferentes têm sido produtivos e pedagógicos. Só tenho pena que, ao contrário da esquerda, a direita não tenha aprendido nada. A direita devia regressar à escola para aprender e estudar estes fenómenos políticos, ao invés de embarcar em pânicos, receios ou ilusões.

A nova liderança do PSD vem acrescentar alguma coisa?

No que diz respeito ao diálogo e ao confronto com a atual governação, considero positivo o desfecho da votação a favor de Rui Rio. No tocante ao interior do partido, vai ser mais um teste ao espírito de tolerância e de “adultez”!

A “geringonça” pode dormir descansada?

Sim, não tenho qualquer dúvida disso. O PCP e o Bloco de Esquerda também são forças patrióticas e, apesar das diferenças entre eles, têm-no provado. O poder é um serviço, e o patriotismo não é monopólio exclusivo do CDS e do PSD. O

patriotismo é justiça e solidariedade, não é egoísmo. Posso dizer, por exemplo, que o partido mais devotado às Forças Armadas foi sempre o PCP. Já não estamos na fase das sublevações, de golpes e contragolpes, de pós-revolução. O que está a ser feito é ver se a justiça estica, se chega a todos, com propostas humanistas, exigentes e rigorosas.

Identifica-se com esta “magistratura de afetos” do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa?

Identifico-me com a proximidade, a urbanidade e a voz corajosa dele em determinadas circunstâncias, algumas bem trágicas, como aconteceu com os incêndios, mas não gosto de vê-lo cair na tentação de substituir o Governo, e isso, por vezes, tem acontecido.

O professor e filósofo José Gil escreveu, no Público, sobre a necessidade de trazer espiritualidade para a política. Falta um desígnio para o País?

Concordo com o professor José Gil. Aliás, o antigo Presidente checo, Vaclav Havel, já tinha falado da necessidade de espiritualidade à escala europeia, e ele não se referia a isso num sentido religioso. Mas quer maior desígnio do que tratar o povo com humanidade e dar-lhe dignidade? Não me venham cá com a beleza das “Descobertas”, das circum-navegações e os patriotismos de Aljubarrota. Não recuso isso, nem o discurso do empreendedorismo tão na moda. Mas querem melhor empreendedorismo do que salvar pessoas que nunca tiveram o estatuto de pessoas? O que eu desejo é que, à luz de um Estado de Direito, gente que nunca teve nada, tenha! Até porque, como dizia a Sophia de Mello Breyner, os pobres têm sempre alguma coisa que ainda lhes pode ser roubada. O antigo bispo brasileiro Dom Hélder da Câmara dizia algo como isto: “Se eu defender um bocadinho de solidariedade para com os pobres sou um santo. Se pedir justiça para os pobres sou comunista.” Ora, eu quero um País que partilhe os bens, que proteja os mais fracos, que evite monopólios. Investir nas pessoas, na cultura, na educação, numa escola mais aberta e fomentadora de valores, não é um desígnio? O dinheiro, os lucros, a pornografia bancária e deletéria é que não servem o País.

O dinheiro é sempre o “Diabo”...

Falar em questões de dinheiro divide. Um padre, um bispo ou um Papa que defendam dimensões éticas na gestão do dinheiro ou dos bens temporais é visto logo como sendo do revirinho. Provoca receio. Cristo teve razão quando disse: “Entre mim e o dinheiro tereis de escolher.”

Falou de solidariedade. Pergunto: os casos da Raríssimas e da Fundação “O Século” são a árvore ou a floresta nesse setor?

Com boa vontade, digo que são a árvore, mas o Estado, que gere o dinheiro de todos nós, deveria ser mais exigente na fiscalização das instituições. O Estado não

pode ter medo, nem deve permitir que o escrutínio deste setor seja uma “mancha”. Conheço bem as fraquezas da humanidade: sempre que cheira a dinheiro, as pessoas penduram-se no Estado. O Estado é o regente de uma orquestra e não pode haver desafinações. A música devia ser a mesma para todos, mas há sempre quem queira tocar isolado, de acordo com o seu próprio gosto e proveito.

E como analisa a entrada da Misericórdia de Lisboa no Montepio?

Surpreende-me. Aconselharia a que esse dinheiro, que deve ter fins sociais, fosse carreado para outras veredas, até para evitar tentações.

Pelos vistos, as suas declarações à TSF sobre o salário mínimo foram mal interpretadas. Afinal, o que queria mesmo dizer?

Em fevereiro do ano passado, defendi o aumento do salário mínimo para 600 euros. Pelos vistos, fui ingénuo, mas é o próprio dono do Pingo Doce que diz que, em Portugal, ele não trabalharia com um salário de 500 euros! É preciso dar justiça às pessoas, motivá-las. E 600 euros seria o mínimo, nesta altura, para depois continuar a subir. Ora, o que disse à TSF é que, a par disso, não devemos esquecer as pessoas que nem sequer recebem o salário mínimo. Há gente de idade avançada, já reformada, que recebe pouco mais de 200 euros. Como é possível?! Não me importa que haja gente rica, desde que a riqueza seja distribuída, mas não vejo essa distribuição. O crescimento económico deve significar investimento em desenvolvimento integral, reformas de Estado, cultura, meios para o ensino, combate à pobreza, etc. É preciso promover a classe trabalhadora, motivar quem trabalha. As pessoas nunca tiveram direito a uma pequena ascensão económica. Vivem de favores e de ganchos.

Li que manteve durante algum tempo uns almoços mensais a convite de Mário Soares, em casa dele, na companhia dos padres Feytor Pinto e de Vítor Melícias. Que recordação guarda desses momentos?

Já admirava Mário Soares, mas nunca tínhamos privado. Juntou-se o Vítor Melícias e, mais tarde, o Feytor Pinto, de quem sou amigo, por sugestão da Maria Barroso. No fundo, Mário Soares queria conversar, trocar impressões sobre o País, a política, o mundo, as correntes artísticas, os livros. Foi numa altura em que ele também estava muito preocupado com a podridão do Estado Social. Ouvia falar de gente escorraçada, chegavam-lhe pedidos de ajuda, e ele queria saber a fundo o porquê de estarem a acontecer essas injustiças. De resto, ele era um bom anfitrião, recebeu-nos sempre com simplicidade e uma espécie de modéstia honrada, que eu gostaria que os portugueses tivessem conhecido de perto. E nunca me pediu favores, coisa rara quando nos convidam para uma mesa, no âmbito privado. Foram momentos de enorme riqueza, apreciei imenso a sua intuição e o facto de nunca ter tentado instrumentalizar-me. A santidade, por vezes, tem má fama, sabe? Mas santos são aqueles que têm o coração aberto

para todos, não fazem discriminação. Quem promove um povo está a fazer uma obra de santidade. A santidade é natural, não é caricata, beata, exibicionista ou piegas. Esses é que são os santos entre nós. Soares não era crente, mas eu sei que, um dia, a gente se há de encontrar.

Sente que é olhado como uma espécie de “ovelha negra” da Igreja?

Quem me vir como tal é que fica mal na fotografia. O que nunca fiz foi ficar calado em momentos em que é preciso falar, isso não. Reconheço que, em muitas coisas, não estou em consonância com o tom musical. Desafino. Posso dizer que, mesmo no período da troika, em que fiz críticas, a maioria das pessoas sempre me tratou com grande civilidade, algumas foram mesmo calorosas. Mas também aconteceu que figuras da Igreja, ditas progressistas, vieram dizer-me que estava a sair dos trilhos...

Na última VISÃO, fizemos o retrato dos movimentos ultraconservadores na Igreja Católica portuguesa que desafiam o estilo do Papa Francisco e que recuperam, entre outras coisas, as missas em latim. Que comentários lhe merecem estes rituais e a postura contrária à atual doutrina papal?

O que é mais de considerar são as tendências tradicionalistas, no que têm de mais medíocre: vestimentas, modas da estação, com o contraste de haver preferência por celebrações em latim, quando os executantes pouco latim sabem e poucas provas têm dado de gosto pela leitura, estudo e investigação de tal língua. Ficam-se pelas modas. Efémeras que são, passarão como o verniz que estala. Já há muito que eu pressentia esses hábitos de adolescentes. Quanto a desafiar o Papa Francisco, não posso reconhecer-lhes a natural capacidade de uma atitude crítica fundamentada, porque essa exigiria seriedade, esforço e conceito. Cristo aconselha-nos que convidemos para a nossa mesa gente que não possa retribuir-nos, daí a fraternidade com os pobres e os abandonados. Quem prefere irmanar-se com modas de salão já sabe que há sempre uma fatura a pagar, no caso a receber.

No final do seu livro, escreve que Portugal estará perdido se for infiel ao 25 de Abril. Explique.

Se for infiel à necessidade de uma democracia exigente, rigorosa e qualificada, se for incapaz de responder às urgências sociais e a quem, de outras geografias, como os refugiados, nos procura, o País estará perdido. Não me interessa uma democracia farisaica, nem o discurso daqueles que não querem que a democracia rompa com os vestígios autoritários que ainda restam.

Entrevistas VISÃO, 10/02/2018

<http://visao.sapo.pt/atualidade/entrevistas-visao/2018-02-10-Se-nao-fossem-Costa-e-Mario-Centeno-o-Pais-estava-destruido>



Alemanha. Morre o cardeal Karl Lehmann

Morreu no passado 11-03-2018, aos 81 anos de idade, o cardeal Karl Lehmann. Foi durante muitos anos bispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal Alemã.

Lehmann foi uma figura de transição e diálogo sobre a introdução de novidades na Igreja. Ele defendeu uma Igreja aberta ao mundo e participou ativamente da eleição do Papa Francisco em 2013.

O religioso, que durante 33 anos foi bispo de Mainz e durante 21 anos presidiu a Conferência Episcopal da Alemanha, sofreu, em setembro passado, um acidente vascular cerebral que complicou muito seu estado de saúde.

Doutorado em teologia e filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Lehmann teve grande visibilidade e reputação em todo o mundo. Com sua visão de abertura, muitas vezes distante do dogma de Roma, e seu estilo direto ao falar em inúmeros debates, ele se tornou um dos dignitários mais influentes do catolicismo germânico.

O cardeal insistiu na necessidade de abrir o diaconado às mulheres e também defendeu que a Conferência Episcopal Alemã abordasse a possibilidade de permitir a ordenação de casados (*'viri probati'*) para sanar a falta de sacerdotes no país.

Lehmann e Rahner. Alguns dados biográficos

De 1964 a 1967, Karl Lehmann foi assistente do Prof. Pe. Karl Rahner, jesuíta, no âmbito do seminário sobre a visão cristã do mundo e a filosofia na Ludwig Maximilians-Universität de Munique - Faculdade de Filosofia. Em 1967, doutor em Teologia, summa cum laude, na Pontifícia Universidade Gregoriana com a tese: «Ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras». Estudos exegéticos e teológicos sobre a Primeira Carta aos Coríntios, 15, 3b-5».

Em 1967, foi assistente de Karl Rahner na cátedra de dogmática e de história dos Dogmas na Westfälischen Wilhelms-Universität di Münster, Vestfália (Faculdade de Teologia católica). Recebe da «Deutschen Forschungsgemeinschaft» a Bolsa de Estudos para a habilitação. O Arcebispo de Friburgo o libera definitivamente dos trabalhos pastorais para que siga a vida acadêmica e elabore a tese de habilitação "O Deus escondido e o conceito de Revelação".

Em 1968 assume a cátedra de Dogmática na Faculdade de Teologia católica na Universidade Johannes Gutenberg em Mainz, Alemanha.

Em 1969, torna-se membro do Grupo de Trabalho Ecumênico dos Teólogos evangélicos e católicos (Jaeger-Stählin-Kreis). Em 1989 ele é o presidente da parte católica (depois do cardeal Hermann Volk).

De 1971 a 1983 foi professor de Dogmática e de Teologia Ecumênica na Faculdade Católica da Albert Ludwigs-Universität de Freiburg in Breisgau.

A partir de 1974 é membro da Comissão Teológica Internacional do Vaticano.

Entre 1975 e 1978 foi o organizador responsável da edição oficial dos Documentos do Sínodo Comum das Dioceses da República Federal da Alemanha (Sínodo de Würzburg 1971-1975).